

# AS FASES DA VIDA A'UWË MARĀWATSÉDÉ E O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Luciana Akeme Sawasaki Manzano Deluci  
Luciene de Morais Rosa

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a escola organizada por ciclo de formação humana instituída em Mato Grosso e sua relação com as fases de vida A'uwë Marāwatsédé, partindo do pressuposto que todo o processo educativo A'uwë está fundamentado nos clãs, na faixa etária e no gênero. Portanto a presença da escola como um dos espaços educativos, instituída pós contato, leva-nos a um questionamento: se sua organização em ciclo de formação humana que parte da referencia não indígena, estabelece relação com as fases de vida A'uwë. Para buscar entender um fragmento do universo da educação A'uwë, a metodologia utilizada foi a pesquisa de cunho qualitativo, que nos levou a entender a demarcação das fases de vida como importante fundamento de transição dos aprendizados e nesse sentido a escola deveria considerá-la na organização do seu currículo.

Palavra-chave: Ciclo de Formação Humana. A'uwë Marāwatsédé. Cultura Xavante

### 1- Conhecendo a organização social e as fases de vida Xavante

Antes de tudo, é necessário que, a título de introdução, entendamos um pouco do universo e do pensamento do povo A'uwë Uptabi (Xavante) e a forma como a referida sociedade se organiza.

De acordo com Lopes da Silva (1986), os A'uwë juntamente com os Xerente (autodenominado Akwe) do Tocantins formam o grupo Acuen, pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-jê, e são conhecidos como Jê centrais.

Para Giaccaria (1990), a sociedade A'uwë Uptabi está dividida em duas metades exogâmicas: A da direita (*Danhimire*) formada pelo clã "PO'REDZA'ÕNO" que quer dizer girino, e a da esquerda (*Danhimi'e*) pelos clãs "ÖWAWË" que significa água grande. "Em outras comunidades ainda pode se ouvir falar sobre um terceiro clã o TOB'RATATO, nome onomatopéico de uma ave noturna". (GIACCARIA, 1990, p.60-61).

Segundo Leeuwenberg e Salimon (1999), os A'uwë Uptabi reconhecem dois tipos de classificação etária. A primeira é a categoria de idades que está relacionada às fases do ciclo da vida. Cada fase etária tem um nome específico com distinção entre gênero. Ao completar certas idades e apresentarem características corporais específicas, a

peessoa passa para outra fase, na qual evoluem em graus de responsabilidade e obrigações. No quadro abaixo, apresentamos as fases de vida A'uwẽ.

<b>IDADE</b>	<b>FASE DA VIDA</b>	<b>HOMEM</b>	<b>MULHER</b>
0	De colo	Ai' utépré	Ai' utépré
0	Sentado	Ai' uté	Ai' uté
1-8	Brincando, com poucas obrigações	Watébrémi	Ba' ono
9-11	Aprendendo com os pais, preparação para a escola Xavante	Ai' repudu	Ba' ono
9-17	Formação tradicional por padrinho e madrinha	Wapté	Azarudu
16-22	Pré formação, participando nos rituais e competições, aptos ao casamento	Ritéiwa	Adabá – sem filhos
23-27	Casando, assumindo função de padrinhos e madrinhas	Dañohui' wa	A'raté com filhos
28-60	Adultos participando em todas as cerimônias e ações políticas	iprédu	A'raté com filhos
Mais de 60	Repassando conhecimentos tradicionais, coordenando cerimônias e rituais	ihi	Ihi

Quadro 1 – Categorias de idade

Fonte: Leeuwenberg e Salimon – 1999

A idade apresentada por Leeuwenberg e Salimon (1999) foi desenvolvida com os A'uwẽ Apetseniwinhã, um subgrupo A'uwẽ de Pimentel Barbosa. É importante registrar que essas idades não são rígidas e podem sofrer alterações, como se pode perceber, a seguir, quando a referência é os A'uwẽ Marãiwatsédé. O motivo de diferenciação das idades entre os A'uwẽ, segundo Maybury Lewis, seria em função de que:

Os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade à qual pertencem. A partir daí, o que importa são as suas idades relativas, ou seja, a classe de idade à qual pertencem. Na prática todo menino que aparenta ser bastante grande para estar como os membros da nova classe de idade e que se comporta de acordo pode ser incorporado a ela. (MAYBURY LEWIS, 1984 p. 155)

Além dessa, a outra classificação é o sistema de classes de idade que está relacionada aos grupos de iniciação à vida social. Os homens, ainda adolescentes, que entram juntos na fase Wapté possuem uma identidade comum, e são reconhecidos como pertencentes a esse grupo até o final da vida. Assim, [...] “a maior parte do cerimonial

Xavante é de fato, conduzido pela classe de idades”. (MAYBURY LEWIS, 1984, p.366)

A educação A’uwẽ abrange toda a vida, ou seja, inicia-se com a concepção e segue até a fase adulta, e na qual “[...] o pai encarregar-se-á, no caso do menino, de sua introdução à vida política; a mãe iniciará a menina nos trabalhos coletivos das mulheres, que a colocarão em relação com os grupos domésticos vizinhos e aparentados”. (LOPES DA SILVA, 1986, p. 250 - 251). A educação tem início na família, onde a criança aprende os valores da sociedade A’uwẽ. Dentre eles, o respeito pelos clãs, principalmente o oposto, pelos anciãos e pelas mulheres.

Para que a criança A’uwẽ nasça com saúde e força, existe uma preparação que envolve todo um arcabouço familiar, que se inicia com a concepção, com o resguardo alimentar e com a conduta dos pais até seu nascimento.

Através dos resguardos e cuidados próprios da comunidade de substância, garantem-se a força e o desenvolvimento do corpo. Os tabus alimentares dos resguardos e os cuidados com o corpo significam a preocupação da sociedade Xavante em controlar as interferências possíveis da Natureza em seu seio; significam, ao mesmo tempo, uma apreensão simbólica dos fatos da Natureza pela sociedade. (LOPES DA SILVA, 1986, p. 251)

Dessa forma, em todo o percurso da vida A’uwẽ, existem resguardos e tabus alimentares, alguns essenciais para o crescimento do corpo, outros para o fortalecimento do espírito e, ainda, para os “dons” e os sonhos. Assim, “A *bildung* ameríndia incide sobre o corpo antes do que sobre o espírito: Não há mudança espiritual que não passe por uma transformação do corpo”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 390).

Trata-se de uma comunidade que acredita na complexidade das relações e que uma ação pode afetar outras pessoas da comunidade que compartilham do parentesco ou da classe de idades. Tal compreensão nos faz refletir sobre a forma de transmissão do conhecimento e dos processos que o fazem permanecer na cosmologia do referido povo.

Esses ensinamentos acontecem, desde muito cedo, ou seja, quando a criança nasce é classificado como Ai’utepré (0-1ano). Nesse período, ela mama, brinca, senta, engatinha, fala, chama a avó, o pai e a mãe, entre outros.

Quando começa a andar é um Ai’uté (1-3 anos) que desenvolve mais a fala, brinca, conversa com a família, chama pelos parentes e amplia o conhecimento sobre a família. Começa a comer sozinho, sente falta da mãe, quando fica longe, mas consegue ficar com os irmãos mais velhos e se agrupa para andar perto da casa com as outras crianças. Nesse momento, inicia-se a diferenciação entre gêneros, ou seja, se mulher,

aprende a carregar o cesto, a brincar de casinha, a fazer comidinha e a imitar as meninas mais velhas. Segundo Maybury Lewis (1984), nessa fase, as crianças imitam e parodiam as ações dos adultos.

A mudança de fase acontece quando a criança deixa de ingerir leite materno; se menino, passa, então, a ser um watébrémi e, se menina, uma ba'õno. Nesse período, os pais têm papel fundamental no ensino das leis e das regras sociais. As crianças se agrupam para brincar e andam com os colegas; são pintadas para participar das danças, das festas e das corridas. O filho observa o pai a fazer o arco e a flecha necessária para a caça e a pesca. Além disso, acompanha o pai na roça, quando ele cava para plantar e o filho fecha os buracos com terra; ajuda na colheita e carrega os produtos, como abóbora, mandioca, batata, entre outros; ajuda na construção da casa, carregando água e ajudando as mulheres a pisar o arroz no pilão.

Todo filho precisa aprender a fazer comida e outras atividades da casa, pois se a mãe estiver ocupada, ou acontecer algo, ele consegue fazer o que precisa. Pode sair para pescar com outros meninos, em dupla, ou em grupo, para que um cuide do outro. Quando está em casa, cuida dos irmãos mais novos e consegue carregá-los no colo.

Além disso, aprende a respeitar os mais velhos, as meninas, os avós, os clãs e começa a ficar um tempo maior em casa, por orientação dos pais, pois já se inicia o processo de preparação para a pré-adolescência.

Os pais e os mais velhos contam as histórias de pescaria, os mitos e as caçadas do seu povo. De acordo com a vontade do pai, pode ensinar os remédios tradicionais com insetos e vegetais, assim, caso venha a se machucar, o filho sabe como curar o ferimento. Esses remédios também são passados no corpo no wate bremi e ai'repudu, para crescer e ficar forte.

A menina, na fase Ba'õno, tem, como atividade, o plantio e a colheita de alimentos para o sustento da família, faz a comida e, também, leva-a para o irmão que está no Hö, embora seja impedida de entrar naquele espaço. Caso o padrinho do irmão esteja no Hö, é ele quem faz a entrega da refeição e transmite os recados para o Wapté. A menina aprende a fazer tudo o que é de sua responsabilidade, ou seja, faz trabalho com o artesanato, ajuda a fazer a farinha de puba, lava as vasilhas, limpa a casa, junta o lixo para queimar, faz a higiene corporal, corta o cabelo, acompanha a mãe na busca de lenha, de água e a lavar a roupa no rio, para que não fique sozinha. Além disso, ajuda no preparo dos alimentos para as festas e dorme separada dos pais.

Nessa fase, a mãe tem muita preocupação com as meninas. Por isso, sempre tem alguém que as acompanha, seja a mãe, a tia ou a avó. As meninas aprendem as regras e as leis sociais, uma vez que podem acompanhar seu clã. Além disso, observam a mãe na preparação da tinta de carvão que é usada para pintá-las. Mexem na tinta de urucum com a orientação da mãe.

A menina pode conversar com o cunhado que casou com a irmã, entregar comida e conversar mais com ele. Nesse contexto, percebe que o tratamento dado ao cunhado deve ser diferente em relação aos outros homens da aldeia.

Nesta fase, a família tem o compromisso de escolher o rapaz para se casar com ela. Esse é um estágio importante no desenvolvimento de uma criança A'uwẽ, porque:

[...] é nesta fase que ela toma consciência das distinções que são tão importantes na vida Xavante: à distinção entre meninos e meninas; entre pessoas da mesma idade e os mais velhos (também agrupados por classes e categorias de idade); entre consanguíneos e afins. (MAYBURY LEWIS, 1984, p. 117)

Até certa idade, o menino e a menina permanecem próximos do ambiente doméstico e mais ligados à mãe que, num ato simbólico, mantém guardado o cordão umbilical dos filhos. Quando o menino atinge a idade de Ai'repudu, a responsabilidade passa a ser do pai e a menina continua sob os ensinamentos da mãe, das tias e dos avós. “A *Adzarudu*, menina, é a mãe que aconselha e ao *ai'repudu*, menino, é o pai que aconselha”. (GIACCARIA, 1990, p.11)

O Ai'repudu, menino de 8 a 10 anos - o pai e a família começam a prepará-lo e a dar-lhe conselhos sobre a fase da adolescência. Ensinam os gestos que deve ter no Hõ, pois precisa ter muito cuidado com isso, ou seja, nessa fase não deve levantar a cabeça e, sim, olhar para o chão, quando circula em fila. Caso isso não aconteça, a comunidade observa e comenta o referido gesto. Nesse período, somente o pai participa da educação do filho que sente saudade dos demais componentes da família, pois fica impedido de brincar com os irmãos e não pode mais andar sozinho, pois corre o risco de acontecer alguma coisa provocada por outra pessoa e/ou grupos.

Além disso, o jovem fica impedido de conversar com a cunhada, para não perder a luta no Ói'ó. A mãe também aconselha o filho sobre seu comportamento, uma vez que vai ter amizades, andar junto a outros jovens para o Hõ e serão do mesmo grupo do sistema de classe de idade.

Nesse período, a voz do jovem começa a mudar e ele fica impedido de conversar com as meninas para não sofrer influência na voz. Se não conversar, sua voz vai ser fina, firme e alta.

Durante o processo de furação de orelhas do grupo antecessor, os jovens participam, buscando e cortando o Buruteihi - primeiro pauzinho colocado, depois da furação da orelha. Durante a coleta do buruteihi, são acompanhados por seus futuros padrinhos.

Os Ai'repudu não comem tatu, jabuti, tamanduás, peixe pintado, castanha do baru e mingau de milho Xavante. Antigamente, sua dieta era de répteis e sucuri, agora, podem comer peixes de escama, paca e sangue da anta (fígado). Além disso, passam a bexiga da anta macho no corpo inteiro para correr muito. Em síntese, comem somente os animais que correm muito, como o caititu, o veado e a cutia. Se comerem jabuti, ficam lentos e preguiçosos. Não comem, aves pequenas; só comem ema e siriema; o pai tira a garganta da siriema e passa no pescoço do Ai'repudu, para ajudar a desenvolver a voz.

Em relação à menina - Adzarudu (8 a 13 anos) - a mãe é sua principal responsável, uma vez que aconselha a filha, que se torna uma mocinha. Nessa idade, começam a aparecer os seios e a perceber as diferenças em relação à infância. Passa a respeitar a família e as outras pessoas que não fazem parte de sua família. A mãe a orienta para que se cuide, uma vez que tem compromisso. Ensina a cozinhar, a cuidar da casa, dos irmãos e das irmãs e a realizar tarefas que são das mulheres, para que possa, no futuro, cuidar do marido e dos próprios filhos.

Além disso, ensina a fazer cestos, ornamento de algodão, a tirar tinta de urucum e ir para a roça preparar o plantio e realizar a colheita de produtos e de frutas, como coco, palmeira, batata, inajá, entre outros e de recursos naturais, como palha de buriti, sementes para artesanato e enfeites. Acrescenta-se a isso a busca da lenha; tudo isso acompanhada pela mãe, tia e/ou avó.

Na dieta alimentar da Adzarudu, não é permitido comer mingau de jatobá - cheiro ruim -, carne de anta, de tatu, de mandi e jabuticaba. Também não pode tomar suco de limão e tomar refrigerantes. Pode comer murici, pequi, buriti, bocaiúva, castanha, coquinho, mirindiba, matrinchã, piau, frango, gado, batata rasteira e comida industrializada e alimento do waradzu. Quando está na cidade, come arroz puro e pão, uma vez que não pode comer ovo, linguiça e comida misturada.

De acordo com a cultura A'uwẽ, a adzarudu aprende que, quando ficar grávida, ou estiver doente, é preciso modificar a dieta. Para isso, aprende sobre a vegetação, as carnes dos diferentes animais e dos peixes. Aprende a conhecer os insetos, a encontrar e cavar a terra para tirar a batata, coletar o mel e utilizá-lo na saúde do bebê. Geralmente o mel é utilizado para curar o 'chiado' no peito do bebê. Além disso, a mãe ensina sobre a coleta da lenha e a melhor para fazer o fogo. Nessa ocasião, orienta a filha para não recolher lenha, onde a árvore tenha sido derrubada pelos raios.

A fase de Adaba (14-16 anos) se inicia com o casamento Adzarudu: nos preparativos da cerimônia de casamento, a menina é pintada pelo padrinho com uma tinta que indica sua virgindade. O padrinho é responsável pelos preparativos do artesanato e dos enfeites a serem usados na adaba, na cerimônia do casamento. Além disso, ele tem a responsabilidade de observar se o noivo está 'pronto' para casar.

Antes do casamento o noivo precisa providenciar uma caça. Esse ritual envolve toda a família, que se organiza antes e durante a caçada dos animais. Depois da caçada, o noivo carrega o animal, no cesto, até a casa da futura esposa.

Para que se inicie a vida do Wapté, os anciãos organizam a festa para a construção do Hö, ou seja, a futura moradia dos adolescentes. Depois de construída, os anciãos se dedicam à preparação do início da festa. Também iniciam os ensinamentos dos Ipredu para os que serão os novos padrinhos dos ai'repudu, que serão wapté, depois que forem para o Hö. Para a festa, o pai pinta o corpo do menino, coloca algodão na testa e aconselha o jovem. Em seguida, os anciãos chamam os jovens ao centro da aldeia e eles devem permanecer com a cabeça baixa, uma vez que o gesto mostra que se transformaram em um adolescente – um Wapté - de verdade. Depois da festa, os Wapté vivem somente com os padrinhos que acompanham e aconselham, principalmente para respeitar as outras pessoas de sua comunidade. Quando o Wapté sai de sua casa para morar no Hö, todos os membros da família choram, porque o jovem passa a fazer parte da vida de adolescente e a viver fora da residência da família.

A educação, dos onze aos dezessete/dezoito anos, é a mais aprimorada, pois os meninos são introduzidos nos grupos de idade e passam a viver completamente separados dos pais, mas assistidos por um grupo de padrinhos que ensinam noções teóricas, entre outros conhecimentos necessários à sobrevivência. É o período mais importante na vida dos adolescentes, uma vez que “[...] são o centro das várias cerimônias e ritos. Cada Wapté tem um padrinho determinado. Mas todo o grupo de padrinhos é padrinho do grupo dos Wapté”. (GIACCARIA, 1990, p.9)

Na sociedade A'uwẽ Uptabi, segundo Lopes da Silva (1986), espera-se dos homens que sejam “bravos”, resistentes, fortes de corpo e de espírito e que saiam do domínio doméstico a que pertencem e assumam sua posição no mundo social e político da aldeia. “Tornar-se bravo (tsahiti) significa, para os Xavante, uma alteração fundamental e necessária, prezada e esperada: alteração de estado do próprio ser”. (LOPES DA SILVA, 1986, p.253). Das mulheres se espera a generosidade (tsõprubdi), pois sua ação de vida ocorre no âmbito familiar.

Passado o processo de iniciação, moças e rapazes estão aptos para efetivar o matrimônio, pois a iniciação também tem como finalidade a preparação para o casamento. “Em todas as cerimônias os rapazes são conscientizados sobre o significado e valor do casamento para o indivíduo, para a família e para o grupo”. (GIACCARIA, 1990, p.12)

A vida adulta para ambos- meninos e meninas – é dividida em 4 fases: iniciados recentes ('ritei'wa); jovens adultos (ipredupté ou da-ñohui'wa); adulto maduros (iprédu) e velhos (ihí). Depois que um xavante morre passa a pertencer à categoria dos hoimana'u'ö (ancestrais, também conhecidos como sare'wa ou wazapari'wa dependendo do contexto), que podem renascer num continua ciclo de vida. (GRAHAM, 2008, p.2)

A iniciação social acontece tanto para os homens quanto para as mulheres, mas a separação da família e a vida no Hõ ocorrem somente para os homens, pois na sociedade Xavante é ele quem desempenha papel central nas relações sociais, visto que o espaço de domínio da mulher é o da casa e o da família.

Assim, a família e a sociedade A'uwẽ têm sido primordiais para a transmissão da cultura e da identidade, utilizando-se, para isso, de seus próprios instrumentos de transmissão dos conhecimentos e dos valores.

No contexto histórico a escola foi inserida no seio das comunidades indígenas de Mato Grosso e hoje são fundamentais para o complemento aos conhecimentos dos A'uwẽ, por isso que em 2004, quando se instalou a Aldeia Marãiwatsede, os pais ficaram preocupados com a falta de atendimento escolar dos filhos, uma vez que não tinham como estudar. Isso fez com que se reunissem para discutir a necessidade de terem uma escola. Em 2005, segundo Rewaptu (2012), foi criada, na aldeia *Marãiwatsédé*, uma escola construída pela comunidade, a fim de que os filhos pudessem estudar.

## **2- A escola indígena organizada em ciclo de formação humana**

Tendo como base a sociedade A'uwẽ Marãiwatsédé, conhecendo seus tempos, espaços e processos de educação, buscamos entender como se apresentam as propostas



pelas instâncias governamentais para se constituir a organização escolar para as escolas indígenas.

O art. 23 da LDB n. 9394/96 versa sobre as diferentes possibilidades de organização da educação básica ao dizer que pode ser:

[...] séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRZEZINSKI, 2000, p.251)

Diante disso, o estado de Mato Grosso fez a opção de organizar o ensino fundamental em ciclos de formação para superar a visão fragmentada imposta pela escola organizada em séries. Assim,

Os ciclos de formação buscam articular as fases de desenvolvimento humano com as características pessoais do aluno e suas vivências socioculturais e educacionais. Nessa perspectiva, concebe-se a educação como processo de formação humana que se dá em diferentes espaços, tempos e conhecimentos, em diferentes instituições, dentre as quais se destaca o sistema educativo escolar, a escola. Assim, a formação e o desenvolvimento humano se articulam e ignorar essa relação fragiliza significativamente as finalidades da existência da escola. (FERNANDES, 2011, p.3)

Essa organização visa dar uma mobilidade maior no tempo – 3 anos – para que os alunos se apropriem dos conhecimentos curriculares previstos para um determinado ciclo. Em Mato Grosso o ensino fundamental está estruturado da seguinte forma:

Ciclos	Fases	Agrupamentos	Fase do Desenvolvimento
I ciclo	1ª fase	6 a 7 anos	Infância
	2ª fase	7 a 8 anos	
	3ª fase	8 a 9 anos	
II ciclo	1ª fase	9 a 10 anos	Pré-adolescência
	2ª fase	10 a 11 anos	
	3ª fase	11 a 12 anos	
III ciclo	1ª fase	12 a 13 anos	Adolescência
	2ª fase	13 a 14 anos	
	3ª fase	14 a 15 anos	

Quadro 3 - Estrutura da escola organizada por ciclo de formação humana  
Fonte: Mato Grosso, 2001.

Considerando que a organização em ciclos visa romper com a serialização e permitir uma flexibilidade maior de tempo dentro do mesmo ciclo, a mudança acabou sendo redundante, uma vez que o ensino e as ações continuaram sendo organizadas em fases

anuais. Diante disso, acreditamos que é preciso avançar, principalmente em relação às ações pedagógicas arraigadas nas concepções que nortearam a escola organizada em série. Em relação ao ciclo, é importante frisar que,

[...] na perspectiva de *ciclos de formação*, as posições assumidas não estão comprometidas com a simplificação da não reprovação, com a aprovação de todos a qualquer preço, sem considerar a necessária aprendizagem dos conhecimentos escolares, sem levar a sério a cultura do aluno, desconsiderando a formação para o mundo do trabalho na sociedade contemporânea. (FERNANDES, 2011, p.4)

Em relação às escolas indígenas, tem-se a preocupação de realizar estudos, junto com a comunidade local, para entender se a organização proposta pelo estado tem relação com as fases da vida presente na organização social da referida etnia. Em Marãiwatsédé esse levantamento foi realizado a partir de uma discussão com a comunidade para entendermos melhor as fases presentes na organização social do povo A'uwẽ. Para isso, tomamos como referência a fala dos anciãos, dos professores e o PPP da escola estadual de Marãiwatsédé.

É importante ressaltar que a participação dos anciãos foi fundamental, pois, quando surgiam dúvidas e discussões em relação à determinada fase, era um deles que esclarecia aos demais participantes.

Todas essas discussões vieram ao encontro da afirmação de Rewaptu (2011) de que o projeto político-pedagógico - PPP- da escola atende às necessidades da comunidade, mas falta o currículo e o planejamento. Incentivados pela professora Carolina todos os profissionais da escola se propuseram, junto com a comunidade, a iniciar as discussões sobre a elaboração do currículo escolar.

Observando as três fases de vida Xavante presentes na escola, merece destaque a primeira que diz respeito à fase em que se referem à escola como “o segundo espaço da família”. É preciso compreender melhor essa afirmação, com os professores, uma vez que família e escolas possuem funções diferentes, embora convergentes. A escola deve considerar o conhecimento cotidiano, como ponto de partida para ensinar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, a fim de que os alunos não sejam excluídos desses saberes.

A escola é o local privilegiado de apropriação sistemática e organizada dos conhecimentos necessários à formação do cidadão. A escola é, então, a instituição cuja função precípua é a de ensinar, e ensinar bem, a ler, a escrever, a contar, a entender princípios das ciências sociais e naturais, etc. (BRASIL, 1993, p.14)

A educação escolar se constitui como mais um dos espaços de educação da vida A'uwẽ Marãiwatsédé. Ela exerce papel importante na transmissão de conteúdos científicos, mesmo para uma comunidade que, por um lado, possui raízes profundas nas tradições e, por outro, considera que a cultura está em constante movimento. Para isso é necessário agregar, ampliar e recriar os saberes.

Para entendermos as variações entre as fases da vida e a organização em ciclo de formação humana, apresentamos o seguinte quadro:

<b>Fase da vida a'uwẽ</b>	<b>Idades</b>	<b>Ciclo</b>	<b>Idades</b>
Waté bremi e baono	4 a 8 anos	Educação infantil	4 e 5 anos
		I ciclo	6, 7 e 8 anos
Ai'repudu e Adzarudu	8 a 11 anos	II ciclo	9, 10 e 11 anos
Wapté	12 a 18 anos	III ciclo	12,13,14 anos
		Ensino Médio	15, 16, 17 anos
Adaba	12 a 18 anos	III ciclo	12,13,14 anos
		Ensino médio	15,16,17 anos

Quadro 4 - Fases da vida do povo A'uwẽ Marãiwatsédé e os ciclos  
Fonte: Anciãos da comunidade de Marãiwatsédé

### **3- Considerações Finais**

Concluindo, se tivermos como ponto de partida as fases da vida do povo Xavante, a política de organização da escola em ciclo de formação humana e as OCs divergem, porém isso não é um impedimento para que ela se efetive, e sim se constitui em um desafio que precisa ser considerado durante a organização e em especial o currículo escolar para essa comunidade, uma vez que não se pode fazer uma simples transposição delas.

É preciso compreender muito bem as fases de vida do povo A'uwẽ para mediar a implementação das políticas de educação do estado, principalmente o que diz respeito ao ciclo de formação humana e às OCs nas escolas indígenas. O Estado de Mato Grosso conta com, aproximadamente, 43 povos indígenas e a maioria deles com especificidades culturais que precisam ser garantidas. Nesse sentido, articular as fases de vida e os ciclos de formação humana, requer um profundo conhecimento de cada fase e de sua

representação na cultura desses povos. Caso isso seja ignorado, podem se constituir entraves para a relação sociocultural e o espaço escolar. Mais um desafio quando da elaboração do currículo, pois este pode ser o elemento que estabeleça o diálogo entre as fases de vida e o ciclo de formação humana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL.**DIRETRIZES para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena.** Brasília: 1993 MEC, SEF, 1993. 22p. (Cadernos educação básica. Série institucional,2).

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394. Brasília, 1996.  
BRZEZINSKI, Íria. (Org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam.** 3. ed. revisada. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2002.

FERNANDES, Jorcelina Elisabeth. **A Organização da Escola de Ensino Fundamental em Ciclos de Formação da Rede Estadual de Mato Grosso: concepções, estratégias e perspectivas inovadoras** Texto apresentado no VIII Encontro Estadual de Educação do SINTEP-MT: Demanda da Educação e Organização Curricular realizado em 14 e 15 de outubro de 2011 – Centro de Eventos do Pantanal – Cuiabá-MT.

GIACCARIA, Bartolomeu. Ensaio. **Pedagogia Xavante.** Aprofundamento Antropológico. Campo Grande: Editora: UCDB 1990.

GRAHAM, Laura. **Xavante.** Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: ISA, 2008. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante> Acesso em: 15 ab. 2012 e 8 set 2012

LEEUWENBERG, Frans & SALIMON, Mario. **Para sempre A'uwê.** Os xavante na balança da civilização. Brasília, 1999.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer.** 2. ed. Cuiabá: Seduc, 2001.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais.** Cuiabá: Defanti, 2012. 308p.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade Xavante.** Trad. Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

REWAPTU, Carolina. **Costume tradicional do povo xavante: a relação de parentesco na sala de aula.** 2010, Monografia de Conclusão de Curso em Pós-Graduação em Educação Indígena - Universidade Estadual de Mato Grosso- UNEMAT. Campus Barra do Bugres, 2010.